



Após primeiro dia de provas, Vestibular da UEA tem novos exames hoje. Amanhã é a vez do SIS PG C2

CIDADES



PESQUISA

Projeto desenvolvido na região do Alto Rio Negro está capacitando índios para contribuir com pesquisadores

Índigenas ajudam a monitorar o clima

ISABELLEVALOIS
isabelle@acritica.com

Os estudos sobre os impactos das queimadas, grandes cheias e vazantes recordes ocorridas nos últimos 12 anos na região do Alto Rio Negro, no Norte do Amazonas, ganharam um reforço de peso: um grupo de mais de 50 indígenas de diferentes etnias de comunidades localizadas nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Izabel do Rio Negro e Barcelos (850, 620 e 450 quilômetros de Manaus, respectivamente).

O grupo, conhecido como Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (Aimas), integra o Projeto de Monitoramento Ambiental e Climático (Pmac) mantido pelo Instituto Socioambiental (ISA) na região. Além de contribuir com o conhecimento tradicional, os indígenas estão aprendendo desde como fazer anotações científicas sobre questões cotidianas - regime de chuvas, nível do rio, roça, pesca, caça, ciclos de vida e reprodução de plantas e animais - até conhecimentos mais técnicos, como treinamentos com uso de tablets e um aplicativo de monitoramento diário do clima.

E, de acordo com o presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foim), Marivelton Barroso, parceiro do projeto, desde 2015, ano em que foi registrado o maior número de focos de queimada no Alto Rio Negro pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) desde 1998, os Aimas de Barcelos vêm registrando processos ambientais e climáticos nunca vistos, como a expansão dos casos de queimada para áreas onde, normalmente, as chamas não atingem. Foram pelo menos 80 novos pontos de focos identificados pelos Aimas, todos com impacto nas comunidades próximas.

“Desde o início desse monitoramento temos visto queimadas em regiões novas e, de perto, fica mais fácil monitorar o impacto nos peixes, na roça e na vida das pessoas que vivem na floresta, por exemplo. Sem colheita e sem pesca, a comunidade não tem alimento. Tudo isso consta nos relatórios do projeto e esse é nosso objetivo: contribuir para que as pessoas saibam e o Estado possa buscar alternativas a partir desse nosso diagnóstico”, detalhou Barroso.

OFICINAS

Os indígenas envolvidos nas pesquisas participam de um programa de formação e intercâmbio de conhecimentos através de oficinas co-



Índigenas aprenderam a usar tablets para estudo dos dados

Pieter-Jan van der Veld / ISA

Produção colaborativa de ‘ciência’

Para o antropólogo e coordenador adjunto do programa, Aloísio Cabalzar, o projeto fortalece a colaboração entre pesquisadores indígenas e não indígenas na produção de conhecimentos. “Ao mesmo tempo promovendo os conhecimentos e experiências dos povos indígenas de seus territórios e seu manejo e conectando as comunidades à produção de conhecimentos (e políticas) sobre as mudanças ambientais e climáticas em curso”, disse.



É uma iniciativa ímpar de pesquisa colaborativa sobre processos ambientais e climáticos a partir do conhecimento indígena”

Aloísio Cabalzar
antropólogo

RESULTADOS

Os resultados das pesquisas de monitoramento serão divulgados em novembro, na primeira edição da revista científica do projeto, denominada “Aru”, que vai contemplar o conhecimento tradicional e os saberes indígenas. O ISA e a

Foim estão buscando meios de transformar o projeto em política pública para que esse modelo seja replicado em outras regiões, com o emprego da mão de obra indígena.



Juliana Radler / ISA

Alcimar Rezende, etnia Tuyuca, mostra os diários que ele organiza e digitaliza

Banco de dados possui 225 diários

Há 2 anos, o indígena Alcimar Rezende, 30, da etnia Tuyuca, integra os Agentes Indígenas de Manejo Ambiental (Aimas). Ele é o responsável por arquivar, diariamente, as anotações dos Aimas na sede do Instituto Socioambiental (ISA), localizada em São Gabriel da Cachoeira (a 850 quilômetros da capital). Ele já acumula um arquivo de pelo menos 225 diários produzidos pelos agentes da região do rio Tiquié, alguns registros feitos desde 2006.

Para o ISA, é um rico acervo de informações ambientais, climáticas e culturais que possibilitam aos pesquisadores indíge-

nas acompanhar e monitorar as mudanças ocorridas ao longo dos anos nas comunidades. “É muito interessante ver como os antigos da nossa comunidade acompanhavam as mudanças do tempo, como as enchentes, as revoadas dos animais, as migrações das aves e todo tipo de coisa que acontece na natureza. Tudo tem um significado quando eu leio os diários dos meus colegas pesquisadores indígenas”, ressalta Alcimar. “Me sinto muito feliz em poder registrar a nossa cultura e entrevistar os mais velhos da comunidade, pois a participação deles é muito importante na pesquisa dos Aimas”, comenta Alcimar.



Os Aimas monitoraram e relataram a seca na região de Barcelos, no Alto Negro



Aline Scofaro / ISA

Pesquisador indígena revisa ciclo ecossistêmico criado a partir de anotações